

**39º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e  
Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS**

GT13  
ELITES E ESPAÇOS DO PODER  
*PAINEL 1086-1*

**A elite do jornalismo: a construção de um modelo profissional**

Vaniucha de Moraes

## **1. A construção de um modelo profissional: jornalista, intelectual, escritor e militante**

Este trabalho expõe os resultados preliminares de uma pesquisa sobre a elite jornalística e as mudanças no mercado profissional dos produtores culturais brasileiros. A análise se ancora no estudo das condições de produção de relatos presentes em memórias, biografias, registros históricos, trabalhos científicos e produções jornalísticas e literárias feitos por proeminentes profissionais da imprensa.

O objetivo da pesquisa em curso concentra-se na investigação da origem e trajetória social de jornalistas da elite profissional jornalística. A intenção é mapear o campo jornalístico brasileiro por meio da investigação das trajetórias de jornalistas que ocupam diferentes posições no mercado profissional e identificar a distribuição do capital simbólico específico entre os agentes engajados (Bourdieu, 1996, 2004, 2011, 2013). Para iniciar a exposição faz-se necessária uma digressão à tradicional relação entre o jornalismo, a literatura e a política.

O jornalismo foi até o começo do século XX uma atividade intermediária entre a literatura e a política. A confluência entre esses universos é percebida na trajetória de vários jornalistas e intelectuais brasileiros. Escritores como Machado de Assis e José de Alencar iniciaram suas carreiras em jornais e muitos de seus livros foram primeiramente publicados nas páginas dos jornais. No século XIX os jornais eram constituídos em grande parte por uma plêiade formada por literatos, advogados, políticos e uma variedade de aspirantes à carreira pública e intelectual. No período, a imprensa funcionava como uma tribuna para discursos políticos e uma vitrine para divulgação das obras de jornalistas que se despontavam como escritores. Não era raro que profissionais de imprensa comungassem atuações nessas atividades. Lima Barreto, João do Rio e Euclides da Cunha são demonstrativos, uma vez que na virada do século esses jornalistas escritores realizavam trabalhos destinados à imprensa cujas abordagens resvalavam para a literatura, para a crítica política e a análise social.

A partir da segunda metade do século XX, porém, dá-se início uma transformação na profissão de jornalista. Traço característico dessa transformação é o princípio de

profissionalização, isto é, o jornalismo deixa gradualmente de ser uma atividade diletante ou amadora para se tornar uma atividade profissional e técnica. Nesse processo, alguns fatores conjunturais desempenharam funções importantes como, por exemplo: a grande reforma gráfica e editorial nos jornais ocorrida na década de 1950; a elaboração dos manuais de redação que padronizaram a linguagem jornalística e seu *modus operandi*; e a exigência do diploma de graduação em jornalismo para o exercício da profissão entre os anos de 1969 e 2009.

Entretanto, a partir do final da década de 1970, e especialmente durante a década de 1980, começam a ser efetivadas iniciativas de registro da figura do jornalista intelectual. Esses registros são elaborados na forma de biografias, memórias, livros-reportagem, livros de não-ficção e trabalhos acadêmicos. Tais obras se propõem a retratar os nomes de profissionais que se consagraram por um modo de atuação múltiplo no jornalismo, na produção artística e a política. Os jornalistas abordados nesses trabalhos podem ser escritores, cineastas, dramaturgos, militantes, políticos e docentes de universidades. São exemplos dessa modalidade de produção, as pesquisas publicadas em livro. *A notícia: um produto à venda. Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*, de 1988, de autoria de Cremilda Medina, é um dos livros precursores da modalidade. Nele, Medina resgata João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, um jornalista carioca que publicou crônicas-reportagens sobre o cotidiano do Rio de Janeiro nos jornais no início do século XX. João do Rio é considerado, pela jornalista e pesquisadora, como precursor da reportagem brasileira. Posição semelhante tem Edvaldo Pereira Lima em *O livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade* de 2004. Nele, Lima compara João do Rio e Lima Barreto, ambos definidos como jornalistas escritores esquecidos pela história e merecedores de consagração no meio intelectual. Em 1993, Isabel Travancas publica em livro sua tese intitulada *O mundo dos jornalistas*. Travancas pretendeu definir a identidade jornalística a partir da perspectiva dos profissionais e para isso entrevistou jornalistas anônimos e profissionais de prestígio, entre os últimos está o jornalista, escritor e membro da ABL (Academia Brasileira de Letras) Zuenir Ventura.

Tais publicações ocorrem no momento em que transcorria, no mercado jornalístico, um processo de redefinição da identidade profissional. Isto é, o período

compreendido entre as décadas de 1980 e 2000 representa a conclusão de um ciclo e o momento em que a identidade tradicional do jornalista entra em conflito com uma nova imagem que corresponde ao profissional diplomado e tecnicista. Destaco que é justamente nesse momento de crise que ocorre o aumento da produção de trabalhos que se predispõem à definição de um modelo profissional contrário ao que o mercado construía. As biografias, memórias e trabalhos acadêmicos do período se destinavam à edificação simbólica do modelo de jornalista, aquele que conjuga a atividade na imprensa com incursões pela literatura e pela militância política. Há, nessas obras, o registro de suas condições de produção que incluem os interesses sociais implícitos de uma elite cultural cuja identidade e supremacia se encontram em declínio (Miceli, 2001).

Esta proposta de pesquisa aponta para o período de definição de um modelo profissional impresso em obras biográficas, memorialísticas, históricas e científicas. Por meio delas, a figura do jornalista que atua como intelectual, escritor, militante e político é definida e fortalecida na historiografia da imprensa brasileira. São exemplos de obras centradas na história os livros: *1968 – O ano que não terminou* (1988), de Zuenir Ventura; e *Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais) câmeras e microfones* (1998), de José Hamilton Ribeiro. Produções baseadas nas experiências profissionais são exemplificadas por *Eles Mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC* (2003), de Alzira Alves Abreu, Fernando Lattman-Weltman e Dora Rocha; e *Cicatriz de Reportagem – 13 histórias que fizeram um repórter* (2007), de Carlos Azevedo. São modelos de livros que trataram das reminiscências de militantes *O que é isso companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, e *Os Carbonários* (1980), de Alfredo Sirkis. No conjunto, há romances de não ficção baseados em fatos reais que foram romanceados como *Quase memória* (1995), de Carlos Heitor Cony, e *K. Relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski, bem como biografias propriamente ditas, como *Eu é um outro* (2002), de Roberto Freire. Registros histórico-científicos e resultados de trabalhos de pesquisa acadêmica também se predispuseram à consagração de nomes representativos como a tese *João Antônio, uma biografia literária – os anos de formação de Rodrigo Lacerda* (2005) e a dissertação *Brasil Mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa brasileira*, de Karen Dabertolis (2002).

Os profissionais mencionados neste estudo tiveram trajetórias diversas e se dispuseram de uma combinação de recursos obtidos em outras esferas de sociabilidade no processo de ascensão profissional. A maioria ingressou na profissão nas décadas de 1950 e 1960 e alçou posições proeminentes na carreira entre as décadas de 1970 e 2000. Os jornalistas em questão foram selecionados porque personificam as estratégias de conformação de um modelo de atuação profissional. São reconhecidos pela militância política os jornalistas: Fernando Gabeira, Joana Lopes e Alfredo Sirkis. O contato estreito com o universo literário desde a juventude são marcas das carreiras de: Carlos Heitor Cony, João Antônio, Roberto Freire e Zuenir Ventura. Renato Tapajós é um jornalista que se tornou cineasta. José Louzeiro é também reconhecido como escritor e roteirista de cinema. Seguiram carreira como pesquisadores e professores os jornalistas: Alberto Dines, Bernardo Kucinski, Marcos Faerman e Joana Lopes. Construíram uma rede de contatos com a elite cultural nas redações em que circularam os jornalistas: Carlos Azevedo, José Hamilton Ribeiro e Mylton Severiano. Portanto, esses exemplos podem ilustrar a especificidade do restrito grupo de jornalistas que fazem parte de uma fração da elite intelectual brasileira no período que se estende entre a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI.

A escolha desses nomes também considera o efeito da profissionalização das atividades jornalística, intelectual e artística. As oportunidades de profissionalização nessas áreas se intensificaram a partir da década de 1970, no Brasil, quando ocorreu um processo de segmentação de áreas atreladas à produção cultural. Espaços profissionais específicos são abertos para as atividades políticas e culturais no Brasil. Na parte cultural, tem-se o estabelecimento de uma indústria cultural por meio do desenvolvimento da televisão, da indústria fonográfica, cinematográfica e editorial. No que concerne o âmbito político, a redemocratização reintegrou os indivíduos em atividades políticas agora legalizadas. No setor intelectual houve a criação de instituições estatais de apoio e financiamento à produção artística, bem como o desenvolvimento de um sistema nacional de pós-graduação e apoio à pesquisa, com a consequente transformação da universidade em espaço autônomo, instituindo formas de inserção profissional para os intelectuais de carreira (Pereira, 2008, p. 223). Nesse processo, muitos jornalistas migraram para as universidades e cursos de pós-graduação a fim de atuarem como

pesquisadores e docentes.

Os produtores culturais citados são exemplares dessas mudanças em função de suas trajetórias diversificadas e diferentes entre si com relação à origem social, percurso e posicionamento atual. Por isso, as trajetórias profissionais desses jornalistas podem auxiliar a mapear o mercado de trabalho dessa forma de atuação específica que é o jornalista reconhecido como intelectual. Seus relatos biográficos e produções memorialísticas ajudaram a consolidar um modelo profissional de jornalista. Considerando o fato de que esses são “nomes próprios” na história do jornalismo, suas narrativas de histórias de vida estão plenas de estratégias de controle e coerência sobre a própria imagem e identidade, mas também expõem os trajetos percorridos pelos jornalistas nos quais estão registradas as transformações transcorridas no jornalismo e no universo da produção cultural profissional (Bourdieu, 1996).

## **2. Critérios de seleção dos casos**

A escolha dos jornalistas considerados casos exemplares de profissionais de imprensa que atuam como intelectuais seguiu critérios que visam investigar o mercado de trabalho dessa modalidade de atuação profissional. Primeiramente, procurei eleger aqueles jornalistas que constituíram carreiras múltiplas e apresentaram diferentes frentes de atuação extra-redação. Isto é, jornalistas prestigiados entre seus pares – em alguns casos até mesmo fora do campo jornalístico – e que são reconhecidos também por outros estatutos profissionais, seja como escritores, políticos, cineastas, militantes, ou docentes de instituições de ensino superior.

A seleção empreendida também objetivou realizar um recorte geracional. Foram reunidos nomes de jornalistas intelectuais que nasceram entre a segunda metade da década de 1930 e a primeira metade da década de 1940. Esses jornalistas em geral ingressaram na profissão entre as décadas de 1950 e 1960. Muitos deles tornaram-se nomes consagrados nas décadas de 1970 e 1980; outros, porém, apenas obtiveram prestígio entre seus pares ou no meio intelectual. A opção pelo recorte geracional foi inspirada em outras pesquisas que abordaram elites intelectuais, artísticas e políticas. Visa contemplar: aspectos conjunturais, como as mudanças sociais e políticas; as

transformações do mercado de trabalho intelectual e no sistema cultural (Bourdieu; Miceli; Pontes, 1996, 2001, 1998); as formas de recrutamento e seleção de quadros profissionais; as estratégias de ascensão profissional; as possíveis influências da conjuntura política e governamental; o significado do diploma como exigência para ingresso na profissão; o peso das relações pessoais de reciprocidade (Coradini, 1997); o papel da militância política (Canedo, 2013); e o emprego de recursos oriundos da origem familiar e do capital social.

Pretendo, com essa escolha, realizar também o resgate da influência contextual que marcou a formação intelectual dos intelectuais selecionados e investigar o papel das origens e trajetórias sociais e o caminho percorrido por esses produtores de cultura até a conquista de reconhecimento, seja esse obtido em maior ou menor escala.

Entre os critérios de seleção dos casos, está a presença do registro biográfico. Foram escolhidos jornalistas que: foram entrevistados por pesquisadores para pesquisas acadêmicas e os que delas foram tema; aqueles que concederam testemunhos para representantes de instituições de pesquisa e fundações para preservação da memória nacional; e aqueles jornalistas que foram alvo de biografias ou que redigiram memórias. Nessas fontes, é possível identificar dados como origem social, escolaridade, trajetória profissional e histórico da produção intelectual. As biografias e memórias são fontes especialmente privilegiadas pois nelas são retratadas as experiências nas quais os autores procuram justificar a vocação e assim reconstituir as circunstâncias sociais que geraram suas inclinações, ou seja, o momento em que foram atraídos para o trabalho simbólico da produção cultural. Em algumas digressões contidas nessas narrativas, os intelectuais costumam revelar os rastros que possibilitam ao pesquisador reconstruir as determinações sociais da existência dos intelectuais em questão (Miceli, 2001, p. 83).

A seleção desses nomes também se justifica para conferir uma especificidade das carreiras jornalísticas de prestígio que é a capacidade de mobilizar diferentes inserções e converter recursos oriundos de diferentes espaços sociais. Pesquisas realizadas sobre o campo jornalístico brasileiro demonstram como os critérios de seleção e recrutamento dependem da combinação de capitais simbólicos provenientes de múltiplas esferas de sociabilidade como família de origem, militância em movimentos sociais, passagem por partidos políticos e sindicatos e o capital obtido por meio da rede social construída nas

redações. Portanto, é a articulação entre esses recursos que promove a entrada e ascensão na carreira jornalística (Petrarca, 2007, 2008).

### **3. Biografias e memórias: fontes de pesquisa**

Nos últimos 25 anos, a produção cultural brasileira vivenciou um aumento significativo de produções que versam a respeito de um tema: as reminiscências de antigos jornalistas e suas trajetórias pessoais e profissionais. No mercado editorial, em produções cinematográficas e no âmbito acadêmico e científico cresceu o número de pesquisas sobre a história de jornalistas que se destacaram na carreira a partir da segunda metade do século XX (especialmente nas décadas de 1960 e 1970).

Entre essas produções, há uma diversidade de gêneros e modalidades. Biografias que se destinam a aclamar nomes já consagrados da história da imprensa e seus feitos memoráveis para o desenvolvimento da profissão de jornalista e da própria atividade em veículos de comunicação influentes como grandes jornais e revistas. Livros de memórias em que o autor resgata sua trajetória de vida pessoal e a entrelaça com suas experiências profissionais. Livros que promovem uma fusão entre a história individual, memória corporativa e memória coletiva. Obras dedicadas a ovacionar produções editoriais de sucesso comercial e boa receptividade no meio intelectual e jornalístico como revistas e jornais consagrados. Obras que versam sobre experiências na imprensa alternativa e trajetórias de vida que fundem jornalismo, militância política e resgate da memória da imprensa de resistência contra a ditadura militar. Trabalhos acadêmicos em diversas áreas do conhecimento de ciências humanas e sociais cujos objetos de pesquisa são as trajetórias de vida de antigos jornalistas ou experiências editoriais de destaque na história da imprensa. Por fim, também há o registro de depoimentos de jornalistas aos pesquisadores de instituições de pesquisa. Esses profissionais proeminentes viveram momentos históricos importantes e fizeram publicações consideradas emblemáticas no meio da produção cultural e jornalístico.

A investigação desse material é importante para o exame de suas condições de produção e pode remeter às propriedades sociais do grupo social específico e às suas diferenças internas e posicionamento na hierarquia do poder concernente à estrutura



social (Miceli, 2001, p. 349). O grupo em questão é o de profissionais da imprensa que ocupam posições proeminentes no campo jornalístico e são reconhecidos como jornalistas intelectuais pelo fato de acumularem atuações e reconhecimento extra-redação, seja em áreas da produção cultural como a literatura, o cinema e teatro; seja na política, como ativista ou como político profissional. As fontes de pesquisa que tratam de suas vivências pessoais e sociais permitem evidenciar interesses, valores e estratégias que estruturam o meio profissional dos jornalistas. Além disso, o registro das histórias de vida em publicações ou por instituições de pesquisa reconhecidas é uma maneira peculiar de os intelectuais marcarem sua presença na posteridade. Isso porque no meio intelectual são as contribuições intangíveis, impressas em livros, e registros históricos, que garantem a conquista de capital simbólico cultural (Miceli, 2001, p. 352).

#### **4. Fontes de pesquisa sobre jornalistas intelectuais**

O conjunto de fontes que serão reunidas para a investigação do campo jornalístico brasileiro e as transformações transcorridas nesse campo a partir da segunda metade do século XX compreendem gêneros textuais diversos. As produções aqui elencadas foram elaboradas e publicadas predominantemente das décadas de 1990, 2000 e 2010, período em que localizei um aumento na produção de relatos memorialísticos. Entretanto, há obras que datam de períodos anteriores e remontam às décadas de 1960, 1970 e 1980. Procurei me concentrar, sobretudo, em casos de intelectuais cuja origem profissional foi o jornalismo e que acumularam o reconhecimento em várias áreas de atuação no desenvolvimento de suas carreiras sendo reconhecidos como escritores, militantes, políticos, artistas, pesquisadores e docentes. Como são diversos os gêneros textuais é importante descrever suas especificidades a fim de categorizar as motivações e procedências das obras, bem como o seu posicionamento na hierarquia das produções que versam a respeito da história da imprensa e dos jornalistas.

##### **4.1 Memórias profissionais**

As produções que tratam das memórias profissionais se caracterizam por destacar a experiência profissional do jornalista. Concentram-se no currículo do profissional em

questão, sua passagem por veículos de comunicação, jornais e revistas de grande prestígio. Em alguns casos, ressaltam a importância do jornalista no contexto de desenvolvimento daquela produção e destacam seu papel na imprensa brasileira. Muitas vezes, nessas obras, o jornalista é perfilado como integrante de um grupo específico de profissionais competentes que obtiveram sucesso devido às suas qualidades intelectuais e enquanto elemento de uma corporação profissional.

A pesquisa de Alzira Alves Abreu, Fernando Lattman-Weltman e Dora Rocha, publicada em livro, em 2003, *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*, se enquadra nessa categoria. Como o próprio nome já diz, trata-se de testemunhos de jornalistas que tiveram um papel importante na modernização da imprensa brasileira ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas. Um dos perfilados é o jornalista, escritor e criador do *Observatório da Imprensa*, Alberto Dines.

Na categoria de memórias profissionais, há livros publicados que reúnem informações biográficas individuais, profissionais e reproduções de trabalhos publicados em jornais e revistas como as obras de Carlos Azevedo e José Louzeiro. No primeiro caso, tem-se um jornalista militante, autor de *Cicatriz de Reportagem – 13 histórias que fizeram um repórter (2007)* e, no segundo, um jornalista escritor que publicou *Isso não deu no jornal (2001)*, livro que conta as memórias da passagem de Louzeiro por 5 jornais cariocas. Em comum, as duas obras apresentam uma proposta de resgate das experiências fundamentais das carreiras de seus autores enquanto jornalistas.

Há também obras que se dedicaram a registrar os nomes dos jornalistas junto às experiências editoriais que se tornaram consagradas. Como exemplo, os livros de jornalistas que compuseram a equipe precursora da emblemática revista *Realidade* (1966/1968). Entre eles, está o remanescente daquela publicação, Mylton Severiano. O jornalista e escritor descreveu a história do seu grupo de amigos em *Realidade – a revista que virou lenda (2013)*. Feito semelhante foi *Realidade Re-Vista (2010)*, da autoria de José Hamilton Ribeiro e José Carlos Maranhão, colegas de Severiano.

#### **4.2. Memórias históricas**

Na categoria de memórias históricas encontram-se obras com uma mistura

inextrincável entre história individual e história coletiva. Os autores vinculam suas experiências e vivências de repórteres à história do país e da própria imprensa nacional. Essas memórias carregam em si as preocupações do momento em que foram redigidas e publicadas (Pollak, 1992, p. 4), isto é, em um contexto em que os autores já gozavam de algum prestígio e estavam registrando ou concedendo depoimentos a fim de imprimir seus nomes na história da imprensa brasileira.

Há livros que empregam a linguagem literária para descrever os fatos vividos e que reproduzem, no formato de livro reportagens, alguns textos que foram publicados em outros meios impressos. São exemplos deste gênero textual os livros de Zuenir Ventura *1968 – O ano que não terminou* (1988) e *Minhas Histórias dos Outros* (2005).

Nessa categoria de fonte, há publicações resultantes de investigações de pesquisadores vinculados às instituições estaduais e federais de educação, como a tese de Bernardo Kucinski, *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da Imprensa Alternativa* (1991), também publicada em livro, em 2003. E há, também, uma obra vinculada ao Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo: *Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais) câmeras e microfones* (1998), de autoria do José Hamilton Ribeiro.

#### **4.3. Memórias militantes**

Nas obras memorialistas militantes pode-se encontrar o registro de jornalistas que transpuseram, para seus livros, suas reminiscências da luta contra o regime militar, seja pela atuação na imprensa alternativa da década de 1970, ou na luta armada. São exemplares desse gênero textual as obras do jornalista Fernando Gabeira: *O que é isso companheiro?* (1979), *O crepúsculo do macho* (1980), *Manual dos Sobreviventes* (2009) e *Onde está tudo aquilo agora?* (2012). O momento de tensão da luta contra o regime militar e suas consequências brutais na vida dos jornalistas envolvidos nas guerrilhas urbanas também foi documentado nos livros reportagem *Em Câmera Lenta* (1977), de Renato Tapajós, e *Os Carbonários* (1980), de Alfredo Sirkis. O eixo condutor das histórias desses autores são os acontecimentos reais vividos na luta contra a ditadura. No entanto, o tratamento dado à história é literário.

No conjunto dos registros militantes há trabalhos resultantes de pesquisas científicas como, por exemplo, *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da Imprensa Alternativa* (2003), de Bernardo Kucinski. Essa tese, de 1991, foi publicada em livro em 2003. Outra pesquisa acadêmica que resgata a memória de jornalistas que militaram na imprensa alternativa é a dissertação de Karen Dabertolis intitulada *Brasil Mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa brasileira*, defendida em 2002 na Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). O trabalho resgata a trajetória do alternativo *Brasil Mulher* e de sua fundadora Joana Lopes. Pontos comuns desses dois trabalhos citados são a procedência acadêmica, a linguagem utilizada e um tratamento peculiar ao formato dos trabalhos científicos. Esses trabalhos se propõem igualmente a fazer registros de natureza acadêmica, isto é, registros das memórias militantes que pressupunham cientificidade e objetividade.

#### **4.4. Literatura memorialista (romance de não ficção e biografias literárias)**

No conjunto de produções que se enquadram na categoria definida como literatura memorialista, há obras literárias que abordam as trajetórias de vida de jornalistas escritores. Nesses casos, as experiências são romanceadas e, ao leitor, são apresentados de forma indistinta fatos reais e elementos ficcionais. São exemplos: a) os romances *K. Relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski - uma narrativa ficcional baseada na história real do desaparecimento da irmã do autor presa e morta pelo regime militar; b) *Quase memória* (1995), de Carlos Heitor Cony - uma ficção baseada nas reminiscências do autor sobre o pai falecido de quem o filho herdou a profissão de jornalista; e c) *Abraçado ao meu rancor* (1986) - um livro de contos de João Antônio, no qual em um conto homônimo ao título o escritor faz uma descrição angustiada de sua vida de jornalista escritor.

Cony é jornalista, escritor, membro da ABL (Academia Brasileira de Letras) desde 2000 e simboliza a imagem do escritor bem sucedido. São duas as obras dedicadas à narrativa sobre sua trajetória de vida. A primeira é uma biografia redigida por Cícero Sandroni intitulada *Quase Cony* (2003) e foi encomendada para a Coleção Perfis do Rio; e a segunda é uma autobiografia *Eu, aos pedaços – memórias* (2010) que é constituída

por uma seleção de textos autobiográficos já publicados em jornais. Por sua vez, João Antônio foi, quando vivo, a personificação do escritor maldito. Jornalista, escritor, criador do gênero conto-reportagem e integrante de redações de jornais de imprensa alternativa, João Antônio ficou conhecido como o escritor dos marginais e excluídos a quem dava, em suas narrativas, a grandeza de personagens épicos. *Abraçado ao meu rancor* (1986) é um de seus contos em que o fator autobiográfico está mais presente. Após seu falecimento, João Antônio foi biografado pelo amigo Mylton Severiano em *Paixão de João Antônio* (2005).

Roberto Freire, colega de Mylton Severiano e de João Antônio dos tempos da revista *Realidade*, também publicou um livro de memórias, *Eu é um outro – autobiografia de Roberto Freire* (2002).

Na categoria de literatura memorialista tem-se, ainda, obras jornalístico-literárias, ou seja, obras em que jornalismo e literatura aparecem de forma indistinta. De forma geral, são coletâneas de textos publicados em jornais e revistas como, por exemplo, *Minhas Histórias dos Outros* (2005), de Zuenir Ventura, e *Com as mãos sujas de sangue* (1979), de Marcos Faerman. No livro de Faerman estão reunidos textos situados entre o jornalismo e a literatura originalmente publicados no extinto *Jornal da Tarde* e na revista alternativa *Versus*, publicada nos anos 70.

#### **4.5. Registros históricos e científicos**

Fontes distintas das demais, os registros históricos e científicos são oriundos de iniciativas de instituições de pesquisa e fundações que objetivam preservar a memória de jornalistas que militaram na imprensa alternativa ou que foram vítimas do regime militar. Estão incluídas nessa categoria, também, as pesquisas oriundas de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

O CPDOC-FGV possui em seu acervo uma grande variedade de documentos e registros de pessoas públicas. São documentos constituídos de arquivos pessoais, entrevistas obtidas por meio de História Oral e também o DHBB (Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro), cuja primeira versão data de 1974. Estão presentes no DHBB e no acervo do CPDOC as informações sobre os jornalistas Alberto Dines, Alfredo Sirkis,

Carlos Heitor Cony e Fernando Gabeira.

Outro acervo que reúne depoimentos de jornalistas é o do projeto “Resistir é preciso...”, vinculado à Fundação Vladimir Herzog. Pesquisadores ligados à Fundação recolheram sessenta depoimentos de jornalistas e militantes políticos. Na página do site constam as biografias registradas em vídeo de cada um dos entrevistados, entre eles os jornalistas Bernardo Kucinski, Carlos Azevedo, José Hamilton Ribeiro e Mylton Severiano.

Desde a década de 1980, teses e dissertações que se incumbiram de registrar os testemunhos de jornalistas constituem a maior parte das fontes de pesquisa. Esses trabalhos, desenvolvidos nas universidades, têm garantido a preservação da memória de jornalistas e de jornais, revistas e demais produções culturais nacionais. Um exemplo é o Acervo João Antônio, mantido no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP. O acervo é constituído pelo arquivo pessoal de João Antônio, composto por documentos, objetos e textos de propriedade do escritor, morto em 1996.

Os textos científicos em que se encontram os depoimentos dos jornalistas constituem-se de produções editoriais específicas, na forma de jornais e revistas consagrados, e na forma de produções centradas na história de profissionais da imprensa, especificamente. No primeiro caso, podemos citar as dissertações de mestrado *Entre o sonho e a realidade: pioneirismo, ascensão e decadência da revista Realidade (1966-1976)*, de Adalberto Leister Filho, de 2003, e *A dança efêmera dos leitores missivistas na revista Realidade*, de Letícia Nunes Goés de 2001. No segundo caso, podemos citar a tese de doutoramento *João Antônio, uma biografia literária – os anos de formação* (2005), de Rodrigo Lacerda, e a dissertação de mestrado *Brasil Mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa brasileira* (2002), de Karen Dabertolis.

Também foi encontrada uma coletânea de reportagens em que um dos jornalistas referidos foi perfilado. Trata-se do livro *Jornalistas Literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros* (2007), organizado por Sérgio Vilas Boas, no qual se encontra o perfil de Marcos Faerman feito por Isabel Vieira e intitulado *Marcos Faerman: um humanista radical*.

## **5. O estabelecimento de um método a partir da análise da produção memorialística dos jornalistas da revista *Realidade***

A conformação do campo jornalístico se faz perceptível no estudo da produção memorialística e biográfica dos jornalistas que despontaram como a elite profissional a partir da segunda metade do século XX. Os jornalistas aqui elencados são casos exemplares para se compreender as transformações que ocorreram na profissão. Hoje esses jornalistas ocupam posições proeminentes e detêm o *status* de intelectuais, escritores, acadêmicos e políticos. Entre os citados, muitos foram biografados ou redigiram suas memórias. São profissionais que ingressaram no ofício por volta das décadas de 1950 e 1960 e conquistaram reconhecimento nas décadas de 1970 a 2000. Seus registros na historiografia da imprensa foram feitos em um período de crise identitária e de grandes mudanças no mercado profissional ocorrido nas décadas de 1980 e 1990.

As produções que demarcaram os grandes nomes do jornalismo brasileiro também consagraram um modelo de profissional. Esse modelo se identifica com o jornalista escritor, intelectual e militante e se contrapõe ao modelo do jornalista tecnicista formado nas universidades. Exemplos como Carlos Heitor Cony e Alberto Dines são elucidativos. Cony é escritor e jornalista, membro da ABL e esteve envolvido no movimento dos intelectuais contra o regime ditatorial civil-militar nos anos 60. Foi biografado por Cícero Sandroni, em 2003, em *Quase Cony*, e redigiu livros de memórias pessoais e profissionais, como *O ato e o fato* (1964), *Quase Memória* (1995) e *Eu, aos pedaços* (2010). Além disso, Cony integra um dos verbetes do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Alberto Dines também se tornou um desses verbetes e foi um dos personagens de outra pesquisa desenvolvida pelo CPDOC-FGV, intitulada *Eles mudaram a imprensa* (2003). Considerado uma das figuras que capitanearam a modernização do jornalismo brasileiro, Dines é um intelectual reconhecido como escritor laureado de prêmios e como pesquisador e estudioso do jornalismo.

Outros exemplos de produções que demarcaram o modelo profissional foram os registros dos jornalistas remanescentes da prestigiada revista *Realidade* (1966/1968).

Meu contato com essas fontes foi iniciado no mestrado, no qual aliei a pesquisa de campo, feita por meio de entrevistas, à pesquisa documental, realizada em edições da revista e em livros de memórias. A investigação das obras biográficas e memorialísticas dos jornalistas da revista apontou as mudanças no mercado jornalístico. Nesse sentido, a pesquisa inicial dessas fontes ensejou uma investigação mais ampla nas memórias e biografias dos membros da elite jornalística brasileira. Dessa forma, o estudo da produção memorialística dos remanescentes de *Realidade* servirá como padrão de análise das mudanças no campo jornalístico tendo como fontes de pesquisa a produção biográfica e memorialística.

O modelo profissional reiterado por essas obras mimetiza um padrão edificado pela biografia do jornalista Cláudio Abramo intitulada *A regra do jogo – o jornalismo e a ética do marceneiro*, lançada no ano de 1988. Ao se levar em consideração a data em que foi publicada e a profusão de títulos que se seguiram a ela, a biografia de Abramo ajudou a consolidar um padrão de biografia jornalística. Ainda que a figura do jornalista, escritor e militante seja uma tradição no meio intelectual brasileiro, foi a biografia de Cláudio Abramo, surgida no ápice das mudanças no campo jornalístico, que imprimiu um estilo de escrita e reforçou um modelo de profissional. O estilo narrativo empregado apresenta o perfil de um profissional combativo, politizado e que reflete sobre a profissão e ainda possui condições de nela efetuar reformas. O perfil de Abramo traz a história de um intelectual nato, autodidata, formado nas redações dos jornais e na experiência de vida. Ao que tudo indica, a obra deixou um legado a ser seguido e se caracterizou por mesclar relatos biográficos, experiências profissionais, fatos históricos e pessoais e a reprodução de textos publicados primeiramente em jornais e revistas.

Na produção biográfica e memorialística dos jornalistas da revista *Realidade*, o modelo de profissional referido faz-se presente em vários sentidos. A ideia de um jornalismo engajado e militante apresenta-se nos depoimentos e na ideia do jornalismo como instrumento de mudança social. Em entrevistas concedidas a mim, os jornalistas da revista apontaram as referências de suas formações intelectuais. Foram citados, entre outros, os escritores Monteiro Lobato, Jorge Amado e Graciliano Ramos. É possível que tal formação tenha influenciado na perspectiva de uma intelectualidade combativa tal qual os posicionamentos desses escritores. Sabe-se que nos anos 30, Jorge Amado e



Graciliano Ramos foram vinculados ao Partido Comunista. Tanto o escritor baiano como o Monteiro Lobato tiveram obras publicadas pela Editorial Vitória, uma das editoras responsáveis por difundir o ideário de esquerda no Brasil (Maués, 2013, p. 135).

A referência ao modelo profissional também se mostra na valorização do autodidatismo. A formação advinda da experiência prática é salientada pelos entrevistados e se contrapõe à formação proveniente do sistema universitário. Observa-se que o reiterado elogio ao autodidatismo está associado ao conflito entre os jornalistas por vocação e os jornalistas por formação, um dos elementos conjunturais significativos das mudanças no mercado profissional nas últimas décadas. A remissão a uma formação intelectual autodidata é percebida pelas inúmeras referências que esses jornalistas fazem sobre o contato com uma diversidade de impressos: clássicos da literatura traduzidos, jornais, revistas, histórias em quadrinhos e edições infanto-juvenis como *Tesouro da Juventude* e *Coleção Saraiva* que, nos 50, adaptaram as obras de autores consagrados para o público jovem.

Tem-se que a visão de mundo da geração que cresceu após a explosão do mercado editorial brasileiro ocorrida na década de 1930 – ou seja, os indivíduos que cresceram nas décadas de 40 e 50 – foi influenciada pelo aumento da oferta de publicações (Miceli, 2001, p. 146). A divulgação cada vez maior de autores brasileiros e de obras que tratavam de temáticas regionalistas nos anos 30 pode ter instigado o desejo de muitos brasileiros de se tornarem escritores. Desejo este que contagiou especialmente aqueles indivíduos com formação intelectual acima da média nacional, mas que não encontravam muita oportunidade para se tornarem profissionais de prestígio em áreas primordialmente restritas a altos cargos reservados aos intelectuais de carreira como o direito, a política e a diplomacia.

O modelo profissional do jornalista escritor está demarcado na relação estabelecida entre a literatura e o jornalismo. Essa relação é percebida na referência ao jornalismo autoral e literário. Os jornalistas remanescentes de *Realidade*, por exemplo, citam como referência em sua formação intelectual vários jornalistas escritores como Jorge Amado, Érico Veríssimo, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. A defesa do autodidatismo em contraposição à titulação escolar para admissão e formação profissional aparece escamoteada na defesa de Mylton Severiano a respeito da vocação

inata ao jornalismo:

Todos gostavam de ler. Eram autodidatas. Graças a Deus não havia a exigência do diploma. A revista não seria possível. Hamilton Almeida Filho, por exemplo, um dos melhores repórteres que eu já vi na minha vida, começou a trabalhar ao quinze anos, no jornal carioca *A noite*, hoje extinto. Se houvesse a exigência do diploma, como um cara como esse faria? (...) Jornalista é vocação, é como ser pintor, escritor, poeta... Como você pode pedir a um poeta: deixe-me ver seu diploma de poeta? (Severiano apud Moraes, 2010, p. 144)

Há no comentário de Severiano a aproximação entre jornalismo e as atividades artística e literária. A imagem do jornalista como um escritor em potencial é uma referência a um modelo consagrado pela historiografia da imprensa na qual os memorialistas em questão miram quando redigem ou proferem relatos sobre si mesmos e seu grupo.

Uma característica encontrada nos relatos biográficos dos jornalistas da revista *Realidade* que remonta ao modelo profissional está nas imbricações entre a história individual e história coletiva. Os livros que tratam das memórias e biografias, assim como os relatos biográficos obtidos em entrevistas, apresentam uma perspectiva de fusão entre vida pessoal, profissional e do grupo formado em *Realidade*. A referência à força de coesão e sintonia do grupo foi mencionada nas entrevistas concedidas e também nas memórias e relatos biográficos. Nesses relatos a história da revista e do grupo é indissociável da história individual. Outra característica dos relatos memorialísticos dos profissionais consiste na fusão entre as histórias pessoal, profissional e do país. A referência ao declínio da revista diante da escalada do golpe civil militar e da censura tiveram repercussão direta na vida pessoal e profissional desses jornalistas, pois os direcionaram para a imprensa alternativa ou até mesmo para a clandestinidade. O momento de efervescência cultural e política da década de 1960 é igualmente sempre lembrado como “gatilho” para aquela forma de expressão jornalística que gerou *Realidade*.

Nesse sentido, pode-se dizer que as biografias e memórias redigidas são marcadas pelo olhar retrospectivo em relação à própria trajetória, sendo um resultado das intenções latentes de seus autores de demarcarem seus lugares na história. A intenção implícita nas obras é que esses lugares sejam coerentes com as aspirações concretas dos redatores. Assim, é importante ressaltar que são registros datados e neles estão impressas as forças

conjunturais que motivaram suas produções. Os relatos biográficos recolhidos por meio de entrevistas se assemelham às biografias e à literatura memorialística no que diz respeito às motivações inerentes, mas nem sempre conscientes, que agem na seleção de acontecimentos e na explicitação dos pontos de vista pelos quais a história foi proferida. Produções jornalísticas como as do gênero grande reportagem, em especial as publicadas em revistas e muitas vezes reproduzidas em livros-reportagem, expõem marcas autorais e entrelaçam a experiência do repórter-autor ao acontecimento vivido e depois tornado história. O gênero reportagem, portanto, concretiza de forma textual a intenção de produzir a fusão entre a história individual e a história nacional, a memória pessoal e a memória coletiva (Bergamo, 2014). Essas características podem ser encontradas na produção dos jornalistas em questão e estão dispostas de forma difusa nos textos de reportagens, livros reportagem, biografias e memórias.

A experiência na revista *Realidade* e na imprensa alternativa aparece na forma de marco temporal em muitos dos relatos. Posso destacar ainda que as datas das publicações (os anos 2000) coincidem com um momento de crise e de redefinição da identidade jornalística. A questão da exigência de diploma para exercer a profissão aparece como marco temporal escamoteado, embora presente na defesa do autodidatismo.

Na análise da produção cultural que trata das histórias de vida dos jornalistas remanescentes de *Realidade* pode-se perceber como a questão referente ao diploma suscita análises importantes para o estudo das mudanças no campo jornalístico. A referência à formação intelectual feita autonomamente está associada ao capital simbólico vinculado à identidade tradicional do jornalista. É possível conjecturar que a rejeição de alguns dos entrevistados não seja ao título escolar, mas ao diploma de jornalismo especificamente. De acordo com os depoimentos, pode-se inferir que a consagração do autodidatismo talvez seja tão recente quanto a valorização do diploma. No caso dos jornalistas entrevistados é recorrente a transmutação do fracasso em carreiras cuja ascensão se faz tradicionalmente via diploma em sucesso profissional, o que explica o discurso de sagração do autodidatismo. Tal aferição pode remeter o posicionamento a dois contextos distintos. Em primeiro lugar, evidencia a oposição em relação à decisão do governo autoritário em colocar mais esse obstáculo ao livre exercício da profissão no final da década de 1960; e, em segundo lugar, aponta o conflito

por cargos de chefia e altas posições na hierarquia profissional entre a geração formada no interior das redações e a geração formada nas universidades, essa surgida posteriormente, já nas décadas de 1980 e 1990.

Por meio dos relatos desses jornalistas pode-se identificar as formas tradicionais de entrada e ascensão no mercado jornalístico. Seus depoimentos corroboram os resultados das pesquisas sobre elites jornalísticas. Tem-se que, como não havia a obrigatoriedade do diploma, os jornalistas em tela contaram predominantemente com o apoio de sua rede de amigos e conhecidos para a entrada na profissão e para o ingresso em grandes jornais e editoras. Nessas empresas, os jornalistas constituíram laços suportados pelo coleguismo corporativo e pelas afinidades políticas e ideológicas.

A maior parte dos entrevistados ingressou na profissão por meio do trabalho em jornais menores do interior do Estado, em geral, a convite de um amigo. A partir de então, começaram a expandir sua rede de contatos e quando mudaram para São Paulo, capital, já dispunham de algum estoque de capital social o qual poderiam lançar mão em momentos de necessidade. As afinidades ideológicas em um momento de acirramento do debate político, primeira metade da década de 1960, pode ter contribuído para a aproximação de vários desses profissionais. Vale acrescentar que a greve dos jornalistas ocorrida em 1961 é recordada como marco de um momento de união corporativa para muitos deles. Interessa destacar que o acionamento do capital social da rede de relacionamentos é escamoteado e interpretado como camaradagem pela maioria.

Ainda que o capital social proveniente de diversas bases sociais e esferas de atividade não sejam mencionados de forma a associá-los à ascensão profissional, tem-se que campo profissional jornalístico tem como especificidade a mobilização de diferentes recursos – oriundos de diferentes inserções e reconversões – que podem ser acionados para o desenvolvimento nessa atividade (Petrarca, 2008, p. 173). Segundo Petrarca, entre as principais esferas de sociabilidade que permitem acumular um conjunto de recursos capazes de serem empregados para o recrutamento e ascensão na hierarquia do jornalismo estão: a origem familiar; a participação em movimento estudantil, partidos políticos, sindicatos; e a rede de relações tecida nas redações de jornal (Petrarca, 2007, p. 210).

Em geral, é por meio da articulação entre esses recursos oriundos de diferentes

esferas sociais que os profissionais conseguem alcançar posições de prestígio e proeminência. De acordo com os relatos dos jornalistas da revista *Realidade*, o começo da vida profissional foi motivado por indicação de amigos e conhecidos; o entrosamento corporativo e as afinidades literárias e políticas os levaram a integrar grupos coesos e alçarem às posições mais altas na hierarquia profissional; por fim, o ativismo político e a circulação pelas diversas esferas da atividade intelectual fizeram deles escritores profissionais, muitos deles reconhecidos e prestigiados. Em outras palavras, as múltiplas formas de atuação que se encontram difusas nos registros biográficos e memorialísticos compõem esse conjunto de estratégias que consciente ou inconscientemente foram acionadas para consolidação de carreiras jornalísticas de proeminência.

Como já mencionado, as trajetórias descritas na produção memorialística dos jornalistas da revista *Realidade* indicam para mudanças no cenário profissional. Vários fatores contribuíram para essa transformação: a grande reforma gráfica e editorial nos jornais, a partir da década de 1950; o momento de modernização e industrialização que vivia o país no período, o que deu propulsão às mudanças na forma e no conteúdo dos jornais; a elaboração dos manuais de redação que padronizaram a linguagem jornalística e seu *modus operandi*; e a exigência do diploma de graduação em jornalismo para o exercício da profissão a partir do Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, vigente até 2009.

Tais mudanças no campo jornalístico tiveram ressonância nas formas de autorrepresentação do jornalista. Isso significa que a figura clássica do jornalista aspirante a escritor que conjugava o trabalho na imprensa e o engajamento político foi substituída pela imagem do profissional cuja atividade é calcada na técnica e nas ferramentas tecnológicas que utiliza para exercer sua função. A imagem romântica muito recorrente até a década de 1970, momento de explosão da imprensa alternativa – em que se destacaram jornais como *O Pasquim*, *Ex* e *Movimento* –, ainda estava muito associada à ideia do jornalista, escritor e intelectual. Deduzo que esta é a imagem que coincide com a imagem clássica que se reflete em figuras como Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Antônio Calado, entre outros, que conquistaram o reconhecimento como jornalistas intelectuais.

A tecnicização da profissão e a exigência do diploma propiciaram o aparecimento

de um conflito entre “antigos” e “novos” jornalistas nas décadas de 1980 e 1990. Os “antigos” jornalistas são aqueles que tiveram formação autodidata e definiram suas identidades profissionais em um momento histórico de enfrentamento do poder político e econômico e se caracterizam pela “postura crítica”. Os “novos” jornalistas são os egressos de cursos superiores de jornalismo, considerados pelos mais experientes como alienados, desprovidos de vivência e de crítica. Trata-se do conflito entre dois capitais simbólicos distintos, de um lado o capital tradicional pautado pela trajetória profissional como sinônimo de vivência e o outro capital representado pela formação universitária (Bergamo, 2011, p. 252).

A celeuma entre os “jornalistas por vocação” e os “jornalistas por profissão” é um sintoma das mudanças na profissão. Por meio do registro memorialísticos se torna perceptível a transformação no mercado profissional que originou novas formas de recrutamento e ascensão na profissão na carreira. A partir desse período, o jornalismo se tornou progressivamente mais técnico. Uma linguagem específica se consolidou distinguindo-se da literatura e do discurso político. A entrada na profissão se tornou dependente do diploma ao mesmo tempo em que a militância enfraqueceu como valor que pudesse se agregado ao jornalismo, fazendo com que os novos jornalistas fossem considerados desprovidos de crítica pelos antigos jornalistas. O conflito estabelecido entre duas concepções de jornalismo passaram a conviver de forma paralela às duas formas distintas de ingresso e conquista de prestígio na carreira. Uma delas associada ao acionamento do capital social relacionado à rede de relações, à militância política e a origem social e a outra associada ao título universitário e à formação técnica. Cabe destacar que tais identidades profissionais e estratégias de seleção não são excludentes, elas coexistem no mercado da mídia e contam para o recrutamento e seleção nessa profissão que ainda está em estado de transformações. Reitero que as mudanças no mercado profissional são o pano de fundo da produção dos registros memorialísticos e autobiográficos aqui analisados.

Na primeira década do século XXI, após 4 décadas do auge de *Realidade* e 3 décadas da efervescência dos jornais da imprensa alternativa, os jornalistas que fizeram parte dessas experiências começaram a publicar livros de memórias profissionais.

Esse saudosismo foi antecedido por uma série de trabalhos acadêmicos que

tiveram a revista *Realidade* e os periódicos da imprensa alternativa como objeto e/ou fonte de pesquisa como, por exemplo, a tese *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* de Bernardo Kucinski, defendida em 1991 e *Realidade 1966-1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira* de José Salvador Faro, tese defendida em 1999. Muitos desses trabalhos contaram com a colaboração dos jornalistas em depoimentos e relatos como, *Entre o sonho e a realidade: pioneirismo, ascensão e decadência da revista Realidade (1966-1976)* dissertação de mestrado de Adalberto Leiter Filho; *A dança efêmera dos leitores missivistas da revista Realidade (1966-1968)*, de Letícia Nunes Góes Moraes, defendida em 2001; e *Realidade (Re) vista: o papel do intelectual na concepção de um projeto revolucionário*, dissertação de minha autoria defendida em 2010, que se reúne a outros trabalhos sobre a revista *Realidade* cuja descrição e análise excederiam o espaço reservado para esse artigo. Ao comparar a sequência das datas dessas publicações se pode inferir que enquanto *Realidade* conquistava cada vez mais prestígio como objeto de pesquisa no âmbito acadêmico, os jornalistas que fizeram história fazendo *Realidade*, também redigiam seus livros de memórias. Assim, o que esse conjunto de obras informa é a convergência entre os interesses de pesquisa dos acadêmicos e a vontade de testemunhar dos sujeitos históricos.

Os trabalhos que tiveram a revista *Realidade* como objeto ou como fonte de pesquisa destacavam a idéia do jornalista intelectual; a profusão de biografias e memórias que se seguiram à esses trabalhos tomou parte no conflito entre a definição do que seria o jornalismo legítimo, nesse caso, o jornalismo intelectual ou o jornalismo tecnicista. Basta revisitar alguns dos textos dos jornalistas de *Realidade* para reconhecer a remissão a figura do jornalista escritor e militante. Além disso, tais obras se encarregaram de registrar o nome de seus autores na história do jornalismo.

João Antônio, escritor e jornalista da revista, já havia publicado na coletânea de contos *Malhação do Judas Carioca*, de 1975, um conto reportagem sobre o cotidiano do cais de Santos intitulado “Cais” e originalmente publicado sob o título “Um dia no cais” na edição de novembro de 1968 de *Realidade*. Em 2005, João Antônio foi biografado por Mylton Severiano, amigo e companheiro dos tempos de *Realidade*, em *Paixão de João Antônio*. Os exemplos mostram a simbiose entre produção jornalística e literária e a permeabilidade entre seus agentes. A construção da memória corporativa dos jornalistas

escritores pode ser exemplificada pela iniciativa de Severiano, colega e amigo pessoal do escritor João Antônio, ambos compuseram a redação da *Realidade* em seu período áureo. Severiano publicou a biografia de João Antônio em 2005. Obra ancorada na relação epistolar mantida com o amigo escritor durante vários anos, a biografia do escritor paulistano também consagra o nome de Severiano à medida entrelaça as duas trajetórias intelectuais no registro histórico da produção cultural nacional.

Porém, antes, em 1998, José Hamilton Ribeiro publica o livro *Jornalistas: 1937 a 1997 – história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*, que marcava o aniversário de 60 anos do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo no qual consta uma breve referência à *Realidade* em contraste com a extensão das abordagens vistas nos anos seguintes. Na sequência foram publicadas as seguintes obras, que em geral consistem na narrativa de um indivíduo inserido em seu grupo, entremeada com a história da imprensa e do país, sendo elas: *Eu é um outro: autobiografia de Roberto Freire*, de 2002; *Cicatriz da reportagem: 13 histórias que fizeram um repórter*, de 2007, de Carlos Azevedo; *Realidade Re-vista*, de José Hamilton Ribeiro e José Carlos Marão, de 2010; e *Realidade – a revista que virou lenda*, de Mylton Severiano, de 2013. Nota-se que os livros mencionados têm algumas características em comum: neles os autores relatam suas memórias e nelas incluem suas passagens pela revista *Realidade* e pela imprensa alternativa; há uma recorrente menção à história do grupo como história vivida em conjunto e assim é frequente o uso do pronome “nós” para designar essa memória coletiva, por sua vez, associada à história nacional o que justifica que um amigo biografue o outro ou escreva sobre a revista. Esta característica que remonta às especificidades do gênero reportagem, a saber, a exploração de marcas autorais e o registro comum entre a história vivenciada pelo repórter e a história coletiva; outra marca distintiva dessas obras é o fato de seus autores serem escritores profissionais que atuaram na imprensa e também já publicaram livros. São, portanto indivíduos que no transcorrer nos anos marcaram suas trajetórias pelo exercício profissional da escrita no jornalismo e na literatura.

Ao contrastar as características dessas obras com o percurso profissional e intelectual dos jornalistas referidos posso inferir que as mudanças no mercado profissional dos jornalistas possuem relação intrínseca com a crescente onda de



publicações de memórias de antigos jornalistas. É possível inferir acerca dos vínculos entre as concepções de identidade e memória jornalística. O crescimento do número de produções históricas a respeito dos nomes e veículos da imprensa de notoriedade é demonstrativo das mudanças ocorridas no campo e que envolvem a crise na identidade profissional. Tais mudanças demarcam um entendimento e uma forma de legitimação que estão em vias de desaparecimento por estarem em confronto direto com as novas formas de recrutamento e ascensão a posições de proeminência. O fato pressupõe uma mudança na modalidade de registro da história do jornalismo pois se antes era a reportagem gênero textual icônico da profissão capaz de fundir memória individual e memória coletiva, agora são os registros dessas trajetórias exemplares que são o lugar da memória no jornalismo (Bergamo, 2011, p. 257).

A transformação da memória em história encerra a forma como os jornalistas se veem e intencionam ser vistos. É preciso considerar as discontinuidades dos registros da história da imprensa. Se antes as reportagens publicadas em jornais e revistas eram acervos de registro histórico, atualmente o destino desse tipo de produção são os livros reportagem e de memórias. Em muitos casos tais obras reproduzem reportagens que foram tornadas célebres e dignas de republicação em formato livro, um suporte tradicionalmente mais prestigiado em relação aos outros impressos.

Por fim, cabe enfatizar a função desempenhada pela escolha de trajetórias distintas e ascendentes na pesquisa em curso. Os jornalistas selecionados como casos exemplares foram escolhidos por terem publicado memórias ou sido temas de biografias, ou alvo de pesquisas históricas ou científicas. Miceli, ao destacar a importância das fontes biográficas para a investigação das elites intelectuais, sublinha que a investigação dos princípios de produção desse tipo de fonte é uma condição indispensável para a construção analítica do perfil do grupo em termos de sua posição na estrutura social, de sua contribuição para a gênese e a continuidade ou ruptura do sistema de poder (Miceli, 2001, p. 354). Portanto, a investigação das trajetórias dos jornalistas que compõem a elite dessa profissão, torna possível mapear o campo jornalístico brasileiro, bem como, as mudanças ocorridas entre as décadas de 1970 e 2000 cuja consolidação de um modelo profissional é um dos resultados mais evidentes. O modelo profissional de referência encerra uma forma legítima de reconhecer o jornalismo e por isso é um agente motivador

de conflitos nesse campo profissional. Ao perceber o campo jornalístico como um campo de forças e de lutas em torno dos princípios de legitimação e um espaço de conflitos pela manutenção ou transformação desse campo – como preconiza Bourdieu em sua definição da noção de campo – é possível compreender a motivação dessas narrativas de histórias de vida (Bourdieu, 2008, 2011). As trajetórias impressas nas biografias e memórias são armas na luta pela definição e pela consagração do que venha a ser considerado o legítimo jornalismo ou jornalismo por excelência, seja ele identificado com a imagem do jornalista burocrata das redações, seja ele personificado na figura do jornalista intelectual. Duas formas de identificação que traduzem bem as transformações na produção cultural em sua amplitude e no mercado profissional jornalístico especificamente.

## 6. Bibliografia

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, Memória e História no Jornalismo Brasileiro. **Mana** [online]. 2011, vol.17, n.2, pp. 233-269. ISSN 0104-9313. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001>> Acesso em: 19 agosto de 2012.

\_\_\_\_\_. A escrita do presente: mudanças no *status* cultural do jornalismo. In: MICELI, Sérgio; PONTES, Heloísa (Org.). **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Ed. Edusp. 2014. Pp.2014-239.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996. pp. 74-82.

\_\_\_\_\_. A Distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

\_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: Catani, Maria Alice; Catani, Afrânio (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis RJ: Vozes, 1999. pp 71-79.

\_\_\_\_\_. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 417p.

\_\_\_\_\_. **Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Economia da Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CANEDO, Letícia B. Herdeiros, militantes, cientistas políticos: socialização e politização dos grupos dirigentes no Brasil (1964-2010). In: Canedo, L.B.; TOMIZAKI, K.T.; GARCIA Jr.; A. (org). **Estratégias educativas brasileiras na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 2013.

CORADINI, Odaci Luiz. Grandes famílias e elite “profissional” na medicina do Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, III (3), 1997.

GRILL, Igor. Especialização política: bases sociais, profissionalização e configuração de apoios. In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor Gastal (org.). **As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Ed. Manole, 2004. 371p.

MAUÉS, Flamarion. A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964). In: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves. **Edição e Revolução – leituras comunistas no Brasil e na França**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora UFMG, 2013.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Summus, 1998. 188p.

MICELI, Sérgio. Biografia e Cooptação (o estado atual das fontes para a história social e política das elites no Brasil). **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 345-356.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil: identidade, práticas e transformações no mundo social**. 2008. 469 p. (Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação) Universidade de Brasília. Brasília.

PETRARCA, Fernanda. **“O jornalismo como profissão”: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas do Rio Grande do Sul**. 2007. 308p. (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia) Universidade do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul.

\_\_\_\_\_. Elites jornalísticas, recursos políticos e atuação profissional no Rio Grande do Sul. **TOMO** (UFS), n.13, 2008.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. 1992, vol. 5, n. 10. pp. 200-212.

PONTES, Heloísa. 1998. **Destinos Mistos. Os Críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940 – 1968)**. São Paulo: Companhia das Letras. 297 pp.

SEIDL, Ernesto. **Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites**. In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor Gastal (org.). **As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 4.ed. São Paulo: Summus, 2011.

### **Fontes da Pesquisa**

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ABREU, Alzira Alves, LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (Org). **Eles Mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ANTÔNIO, João. **Abraçado ao meu rancor: contos**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986.

AZEVEDO, Carlos. **Cicatriz da reportagem: 13 histórias que fizeram um repórter**. São Paulo: Editora Papagaio, 2007. 404p.

CONY, Carlos Heitor. **Eu, aos pedaços: memórias**. São Paulo: Leya, 2010.

\_\_\_\_\_. **Quase memória**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

DEBÉRTOLIS, Karen Silvia. **Brasil Mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa brasileira**. 2002. (dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FAERMAN, Marcos. **Com as mãos sujas de sangue**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1979.

FREIRE, Roberto. **Eu é um outro**: autobiografia de Roberto Freire. Salvador: Maianga, 2002. 452p.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **O crepúsculo do macho: depoimento**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

\_\_\_\_\_. **Manual dos sobreviventes**. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, 2009.

\_\_\_\_\_. **Onde está tudo aquilo agora? Minha vida na política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos de imprensa alternativa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. 441p.

\_\_\_\_\_. **K. Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LACERDA, Rodrigo. **João Antônio, uma biografia literária – os anos de formação**. 2005. (Tese apresentada ao Departamento de Teoria Literária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas ) Universidade do Estado de São Paulo.

LEISTER FILHO, Adalberto. **A realidade em revista: a revista Realidade, a memória dos jornalistas de uma publicação revolucionária (1965/1968)**. 1997. 235p. (Iniciação Científica apresentada à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP) Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Entre o sonho e a realidade: pioneirismo, ascensão e decadência da revista Realidade (1966/1976)**. 2003. 188p. (Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) Universidade de São Paulo.

LOUZEIRO, José. **Isso não deu no jornal**. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

MOLICA, Fernando (org). **Dez reportagens que abalaram a ditadura**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MORAES, Vaniucha de. **Realidade (Re) vista: o papel do intelectual na concepção de um projeto revolucionário**. 2010. 199p. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina.

MORAES, Letícia Nunes Góes. **A dança efêmera dos leitores missivistas na revista Realidade**. 2001 (dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas) Universidade de São Paulo. São Paulo.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

SANDRONI, Cícero. **Carlos Heitor Cony: quase Cony**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 20013.

SEVERIANO, Mylton. **Realidade – história da revista que virou lenda**. Florianópolis: Insular, 2013.

\_\_\_\_\_. **Paixão de João Antônio**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

SIRKIS, Alfredo. **Os carbonários**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

TAPAJÓS, Renato. **Em câmera lenta**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

\_\_\_\_\_. **Minhas histórias dos outros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

ZENI, Bruno Gonçalves. **Sinuca de malandro: narradores, protagonistas e figuras paternas em João Antônio**. 2012. (Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) Universidade de São Paulo.